

OS PREFÁCIOS E OS TEXTOS*

Ir. Elvo Clemente
PUCRS

É curioso o estudo que modernamente se vem fazendo sobre os prefácios de obras literárias. Muitas vezes o autor ou outra pessoa escrevem sobre o sentido do livro ou escamoteiam os objetivos do autor. Nesse jogo maravilhoso que é a leitura da obra literária em sua trama, em seu enredo, em seus intertextos, em seu fingir revelador da realidade que se quer demonstrar ou esconder.

Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, Alice Tezozinha Campos Moreira e Ir. Elvo Clemente publicaram em 1986 *Prefácios de romances brasileiros*, edição da Livraria Editora Acadêmica Ltda. A coleta dos prefácios fora iniciada por Gilberto M. Teles concluída posteriormente pelos três colegas que lhe juntaram notas biográficas.

A obra tem a sua grande importância embora pouco valorizada até o momento. Sobre os prefácios procuraremos ocupar os minutos a nós reservados neste 1º Congresso da Associação Brasileira de Literatura comparada.

O estudo feito por Heda Maciel Caminha "Por uma leitura do aparelho liminar" (in *Revista Letras de Hoje* nº 64, junho de 1980, p.55-60) é excelente guia para a introdução dessa exposição.

* - Comunicação feita no 1º Congresso de Literatura Comparada, 1º/junho/88, na UFRGS.

DEFINIÇÃO DE PREFÁCIO

O prefácio é definido, provisoriamente, por Genette, como textos liminares no início ou no fim do volume de destinador oficial, autoral ou alográfico. No que se refere às características da instância preferencial, devemos investigar: 1. o estatuto modal dos prefácios, isto é, verificar como o prefácio se apresenta: em prosa discursiva, versos, diálogos, em forma de peça de teatro, totalmente em modo narrativo — relatando as circunstâncias da escrita; 2. a localização da instância prefacial que se apresenta quase sempre no início, mas que pode às vezes, aparecer no final como prefácio — por exemplo, Walter Scott em *Warweley* (1814); 3. o momento do seu surgimento. Podemos considerar 4 momentos significativos: 1º) original, surge na primeira edição, em volume, ao mesmo tempo que o texto; 2º) ulterior, aparece um certo tempo depois da primeira edição, mas não muito distante, quase sempre na segunda edição; 3º) tardio, isto é, pré-póstumo; 4º) póstumo, nesse caso, sempre alográfico. Quanto à duração, os prefácios podem: desaparecer, ser substituídos, coexistir, desaparecer e ressurgir — por exemplo, em uma edição crítica em que todo o paratexto é reunido —, ou sofrer transformações. Observa-se que o momento influencia o lugar do prefácio, pois algumas edições obedecem à cronologia, enquanto que outras colocam os mais recentes no início. 4. a determinação do destinador remete à pergunta: quem fala no texto? Trata-se de uma questão complexa que exige, segundo Genette, uma tipologia combinatória que considere a relação do destinador com o texto — autoral, alográfico, actorial — e em relação à verdade — autêntico, fictício, apócrifo. Essas seis grandes categorias não são definitivas e devem ser nuançadas.¹

Na "Introdução aos prefácios", na citada obra por nós editada, assim apresentamos os objetivos de nosso empreendimento:

As razões de reunir todo esse aparelho liminar dos romances são pelo menos de três ordens:

1) O discurso prefacial, por muitos anos ignorado pelos críticos, tem características lingüísticas específicas: pessoa, tempo, dêixis, modalidades e disposição retórica do enunciado. Reunir um **corpus** que possibilitasse a análise dessas características é decisivo.

O problema do estatuto da enunciação exige uma análise aprofundada das mobilizações de pessoa: de acordo com a época, o eu escondido ou manifesto, do prefaciador, remete a instâncias enunciativas diferentes, tanto a do escritor em seu papel quase abstrato e impessoal de autor — guia moral, filosófico e testemunha do seu tempo; tanto a da pessoa concreta, situada no tempo, submetida a circunstâncias psicológicas e sociais particulares; tanto a de autor como escritor, isto é, narrador, contador, historiador (romancista).

Quanto às funções da linguagem, o metadiscurso prefacial se caracteriza pela predominância da função conativa e pela centralização do discurso no destinatário.

2) O prefácio autoral é um discurso do escritor sobre a literatura. Os modalizadores e performativos desse discurso evidenciam ao mesmo tempo um modelo de produção do gênero e um modo de leitura. Examinar a posição dos diferentes escritores brasileiros do século XVIII e XIX em relação a esses elementos, seria o primeiro passo a uma reflexão sobre a poética desses séculos, quando começa a surgir um discurso literário brasileiro.

3) O discurso prefacial indica um modo de leitura, ele interpela os indivíduos destinatários enquanto sujeito. O funcionamento específico do prefácio e de seus elementos constitutivos prepararam uma abordagem em termos de estética da recepção.

As estratégias discursivas do prefácio, em que o autor se dirige sobretudo à crítica e ao público, devem ser consideradas em seu funcionamento específico e não confundidas com as de uma biografia ou de uma correspondência.

Todo discurso prefacial remete a uma situação de comunicação particular, datada, exigindo, conseqüentemente, uma leitura que considere essa situação.²

Outras observações importantes nos fornece o artigo "Por uma leitura do Prefácio", escrito por Heda Maciel Caminha e Alice Terezinha Campos Moreira, in *Revista Letras de Hoje*, nº 67, de março de 1987, p. 21-4, de que citamos o seguinte:

"O prefácio, seja ele alográfico ou autoral (autográfico), é um metadiscurso. Sua função predominante, contudo, não é a metalingüística e sim a conativa, cuja expressão gramatical mais pura é

o vocativo e o imperativo. Eventualmente, ela vem sustentada pela função expressiva que simula o lirismo comunicativo do apresentador e implica também o engajamento afetivo do locutor. Ora, o metadiscorso se propõe a descrever o discurso objeto, mas enquanto prática social essa função primeira é acrescida de outras. O prefácio alográfico, por exemplo:

1. desdobra os elementos da comunicação, isto é, o prefácio é uma mensagem produzida e recebida em dois tempos, uma vez que é pré-escrita e pré-lida pelo prefaciador — o autor do livro, seu público, o objeto do livro: o autor do prefácio, seu público, o objeto do prefácio;

2. antecipa a leitura e dirige as expectativas do leitor;

3. legitima ou garante a posição do autor da obra na instituição literária;

4. altera a hierarquia autor/prefaciador, colocando-se numa posição privilegiada prefaciador/autor;

5. seleciona o público — a indicação do nome do prefaciador na capa da obra efetua uma espécie de triagem do público;

6. estabelece um contrato de confiança entre o público do prefaciador e a obra;

7. transmite ao autor o direito de fala e ao mesmo tempo recebe nova oportunidade de falar, isto é, o rito da intronização e da transmissão da palavra.

As implicações dessas funções são bastante variáveis: a situação do objeto simbólico se movimenta entre dois pólos de edição — o cultural e o de mercado —, sendo que o prefaciador pode se aproximar mais ou menos de cada um deles, dependendo das pressões sofridas, como filiados à sociedade do discurso. Essa relação entre o prefaciador e o prefaciado se configura como uma troca de serviços que vai conferir eficácia à palavra."

A coletânea de "Prefácios de romances brasileiros" permite uma análise interessante desde o prefácio do romance mais antigo da literatura brasileira — *Senhora*, de Nani Marques Pereira, até o prefácio a *Elza e Helena*, de Gastão Cruls. Os prefácios são autorais com exceção daquele de *Inocência*, de Alfredo d'Escagnolle Taunay, feito em 1946 por Afonso de E. Taunay. Do autor aparecem quatro parágrafos dirigidos a Azevedo Castro em que o autor dedica ao amigo o romance:

"Não é num valioso monumento que vou inscrever a tua lembrança; simplesmente na primeira página de uma narrativa campestre e desprezível, de um livro singelo e sem futuro".

Contrariamente ao vaticínio do escritor, *Inocência* teve futuro e tem muita vida até a presente data...

Estranho é o fato de Machado de Assis não colocar em seus romances nem prefácios ou notas introdutórias. Dessa forma deixa toda a interpretação ao leitor.

Aluísio Azevedo apresenta prefácio na 2ª edição de *O mulato*, em que o autor mostra a origem do importante romance do naturalismo brasileiro.

No romance *O homem*, o autor dedica apenas um parágrafo ao Dr. José Monteiro da Silva nos seguintes termos:

"Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquio a quem o escreveu". Acrescenta a isso uma epígrafe — canção popular:

"Tu a amar-me e eu a amar-te;
Não sei qual será mais firme!
Eu como sol a buscar-te;
Tu como sombra a fugir-me".

O autor está compenetrado de sua missão de denunciar, de revelar nova verdade sob a ideologia naturalista.

Em *O Cortiço*, reafirma esta segurança da verdade. Cita o grande tribuno Cícero: "Periculum dicendi non recuso". Além de consultor o Droitcriminel, de França: "La vérité, toute la vérité, rien que la vérité".

O autor escreve apenas um parágrafo que parece contradizer as citações anteriores:

"Este romance é nada mais que um vasto jardim artificial, feito de frias, perpétuas e secas margaridas, mas todo ele embalsamado pelo aroma de uma flor, uma só, que é a sua alma" — "La Morte amoureuse" Théophile Gautier.

Onde está aquela fidelidade à verdade naturalista, onde está o desafio dos princípios do credo de Zolá e de Eça de Queiroz?

Em *Casa de pensão*, coloca uma epígrafe em que confessa novamente os princípios anteriormente exultados:

"Desconfia de todo aquele que se arreceia da verdade".

Dessa maneira, a leitura, o estudo dos "Prefácios de romances brasileiros" tem seu aspecto agradável, rico de informações, apresentando-se como fonte perene de informações e de maravilhosas lições para a crítica comparativista.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - Notas do Seminário de Gérard Genette, na École de Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, novembro, 1984.
- 2 - Prefácios de romances brasileiros. Porto Alegre, Livraria Editora Acadêmica, 1986.
- 3 - Letras de Hoje, nº 64, p.55-60, junho 1986.
- 4 - Letras de Hoje, nº 67, p.21-4, março 1987.